

Uma leitura teológica de Atos, em busca do significado da igreja como reino sacerdotal⁶³

*Otoniel Barbosa de Faria*⁶⁴

Resumo: O propósito deste artigo é apresentar como no livro de Atos que a igreja possui marcas de um reino sacerdotal inaugurado, e como inaugurado possui as características do reino de sacerdotes do Antigo testamento. Para analisarmos essas características, iremos voltar ao antigo testamento e traçar uma linha teológica que apresente essas características. Por fim, nossa conclusão será apresentar qual o provável objetivo de Lucas ao apresentar a igreja como reino de Sacerdotes.

Palavras-chave: Atos. Reino. Sacerdotes. Crescimento. Santificação. Teologia-Bíblica. Escatologia-inaugurada.

Abstract: The purpose of this article is to present as in the book of Acts the church is the inaugurated sacerdotal kingdom, and as inaugurated it has the characteristics of the sacerdotal kingdom of the Old Testament. To analyze these characteristics, we will go back to the Old Testament and draw a theological line that presents these characteristics. Lastly, our conclusion will be to present the probable objective of Luke when presenting the church as a kingdom of Priests.

Keywords: Acts. Kingdom. Priest. Growth. Sanctification. Biblical-Theology. Eschatology-inaugurated

Introdução

Muito já se estudou sobre escatologia inaugurada, o que comumente se fala sobre o “já e ainda não” das escrituras. Nosso trabalho abordará a temática da inauguração do

⁶³ Texto apresentado no grupo de estudos no NT (Ginosko) do Seminário Jonathan Edwards.

⁶⁴ Pós-graduado em Teologia do Novo Testamento (Seminário Teológico Jonathan Edwards). Graduado em Teologia (UNIGRAN). Atualmente sou pastor presidente da Igreja de Cristo Pentecostal Internacional em Florianópolis, SC.

reino, porém nosso objetivo principal é observar quais as características do Reino de Deus que aparecem na narrativa teológica de Lucas.

Quando lemos a primeira carta de Pedro, no capítulo 2, Pedro falando sobre os crentes serem a casa espiritual edificada em Cristo, no versículo 9, ele diz “vocês, porém, são povo escolhido, reino de sacerdotes, nação santa, propriedade exclusiva de Deus”⁶⁵. Pedro classifica os crentes, a igreja, como reino de sacerdotes. Podemos notar então, que denominar a igreja como um reino de sacerdotes, não é algo que compete a este trabalho, pois as escrituras já têm isso em si mesma, o que queremos é apresentar o que a igreja faz como Reino de Sacerdotes.

Este artigo tem sua importância, quanto ao estudo da escatologia inaugurada, pois ao apresentar as marcas do Reino na igreja, estará demonstrando que a inauguração do reino já trouxe para a igreja algumas marcas reais. O nosso trabalho terá um caminho lógico a seguir, primeiramente iremos analisar brevemente o livro de Atos e seu gênero para conseguirmos traçar uma metodologia que seja eficaz na interpretação do livro. Em seguida iremos observar quais os antecedentes do Reino de Deus para o livro de Atos, ou seja, o que o Antigo Testamento fala do Reino de Deus, como Jesus utiliza o termo Reino de Deus e como o evangelho de Lucas utiliza o termo. Com isso em mente iremos analisar, como em Lucas-Atos o reino de Deus está inaugurado. Para só então voltarmos novamente ao Antigo Testamento e analisarmos quais eram as marcas do Reino, para que consigamos comparar ao reino em Atos e analisar se de fato a igreja possui as marcas do Reino de Deus do Antigo Testamento.

1. Breve introdução ao Livro

O livro de Atos é o segundo volume da obra de Lucas. Por conta do foco de nosso trabalho e da delimitação do tema, não iremos abordar detalhadamente as questões de autoria, data, local e destinatário que podem ser encontradas em artigos e introduções ao novo Testamento. Quanto a autoria apesar de em certo sentido Lucas-Atos ser anônimo⁶⁶ seguiremos a visão tradicional apresentada por Carson, Moo e Morris (1997) de que Lucas é o autor da obra.

⁶⁵ Nova versão transformadora.

⁶⁶ No sentido estrito da palavra, pois não há uma assinatura ou declaração da autoria.

O propósito da obra de Lucas, que é endereçada a Teófilo conforme Atos 1.1, é triplo “o primeiro é claramente histórico” (Blomberg, 2019, p. 34), Lucas quer informar ao seu destinatário a história do nascimento da igreja, porém “Lucas não está narrando uma história secular, mas a história da salvação (do alemão *heilsgeschichte*)” (Blomberg 2019, p.35), logo o autor tem propósitos teológicos também em sua obra. Alter e Kermode (1997, p.504) afirmam que Conzelmann⁶⁷ “deixou claro que Lucas estava menos interessado na história no sentido moderno do que em uma teologia da história”. “Um terceiro propósito, sem dúvida subordinado aos interesses históricos e teológicos, parece ser o literário” (Blomberg, 2019, p.36). Alter e Kermode (1997, p.504) apresentam que o comentário de Ernest Haenchen “com eco em Conzelmann propiciou leituras minuciosas mostrando que, em Atos, Lucas era um artífice literário, em vez de historiador. O trabalho de Haenchen tornou a abordagem literária o consenso na erudição crítica”.

Vemos então a obra de Lucas como uma teologia histórica feita com riqueza literária, devemos analisar então seu gênero. Joseph A. Fitzmyer (1998, apud. Blomberg 2019, p. 38) diz “o antigo título *praxeis* era um termo que designava uma forma literária grega específica, um relato narrativo dos feitos heróicos de personagens históricos”. Todavia, está claro que Lucas em seu livro não foca nos seus personagens, apesar deles serem históricos o foco é em Deus operando. Vemos que Atos é composto de narrativa semelhante aos evangelhos, portanto “se a melhor descrição dos evangelhos é a de biografia teológica, então talvez a melhor descrição de Atos seja a de *história teológica*” (Blomberg, 2019 p.38). Manuel Alexandre Júnior (2021, p. 294) afirma que “os traços literários que caracterizam o livro de Atos evidenciam as qualidades do autor como narrador e teólogo, também como historiador: trata-se de uma narrativa histórica colocada a serviço da teologia e da pregação pastoral”. “Lucas não apresentava seus pontos abstratamente; preferia narrar” (Alter e Kermode 1997, p.504). Wright (2022, p. 508), concorda ao dizer que “estudos recentes estão certos em enfatizar que Lucas é tanto historiador como teólogo: a divisão entre essas duas áreas sempre foi uma projeção forçado do dualismo pós-Iluminismo a um texto do I século”. Lucas trás diversos temas importantes em Atos, mas um tema claro é:

⁶⁷ Em *The theology of St. Luke*, New York, 1960.

O evangelho (Lucas) tratou do que Jesus começou a fazer e ensinar. Em Atos, o mestre continua a estar ativo como Senhor que tem o poder de Salvar e dar o dom do Espírito a todas as pessoas. Arrependimento e fé, manifestos na submissão ao batismo, são a resposta apropriada à proclamação (Marshall 2007, p. 161).

Sendo assim, vemos que o tema de Atos é a ação de Cristo através do Espírito, uma continuação da obra de Cristo iniciada no Evangelho. Atos 1.1 nos sugere isso ao dizer que no primeiro livro Lucas relatou “tudo que Jesus *começou* a fazer e a ensinar”, fica subentendido que esta obra é o que Jesus continua a fazer e ensinar. “A obra da igreja deriva da obra de Jesus, ou seja, não forma apenas um paralelo com ela” (Wright, 2022, p.498). Concordando com isto, Schreiner (2018, cap. 5⁶⁸) afirma: "o objetivo dos Atos é dar a garantia de que os eventos da igreja primitiva avançam a história do reino; apesar da fraqueza e do sofrimento do povo de Deus, Deus ainda está cumprindo seu plano de reino através de Jesus e de seu povo".

1.1 Pressuposições importantes

Antes de pensarmos na forma pela qual leremos Atos, é preciso deixar claro como vemos a relação entre a igreja e Israel, ou melhor, a forma como entendemos a relação entre o reino de no AT e a igreja. O sistema hermenêutico que melhor define a forma como vemos, neste trabalho, essa relação entre igreja e Israel é o dispensacionalismo progressivo. Conforme Darrell Bock (em Parker e Lucas 2022, capítulo 3):

Todos os tipos de dispensacionalismo defenderam a manutenção de algum senso de distinção entre Israel e a igreja. No entanto, o dispensacionalismo clássico e revisado argumentaram de maneiras diferentes por uma distinção completa. O dispensacionalismo clássico defendia uma divisão completa em todos os níveis, incluindo promessa e realização com um povo celestial da igreja e um povo terreno de Israel no fim. Em contraste, os dispensacionalistas revisados viram algum cumprimento inicial da nova aliança na era atual e, portanto, viram mais unidade na obra salvadora de Cristo.

Porém, os dispensacionalistas progressivos veem que as promessas do Reino escatológico se cumprem com a vinda de Cristo, conforme Blaising e Bock (2000, capítulo 8):

⁶⁸ Livro com fonte eletrônica não paginado

As páginas iniciais de cada um dos quatro Evangelhos declaram que Ele é o Cristo, o Rei ungido. Ele é aquele filho de Davi de quem os profetas estavam falando quando previram o Rei escatológico. Sua aparência real na história marca o cumprimento iminente do reino escatológico. Sem o Rei, o reino se estabelecerá completamente no futuro. Uma vez que o rei aparece, o futuro está próximo.

Ainda assim, o dispensacionalismo progressivo vê que há uma diferença entre Israel e a igreja. Ou seja, para os dispensacionalistas progressivo vemos tanto continuidade como também descontinuidade entre igreja e Israel. Um exemplo para os dispensacionalistas progressivos de que ainda há promessas para Israel que não se cumpre na igreja é Atos 1.6,7. Os discípulos ali perguntam sobre quando será a restauração de Israel, alguns diriam que a pergunta está errada já que a igreja seria a restauração do reino de Deus, Bock (em Parker e Lucas 2022, capítulo 3) explica essa passagem a partir do dispensacionalismo progressivo:

Alguns argumentaram que esta é uma pergunta falsa que mostra que os discípulos não conhecem ou entendem o calendário escatológico, tendo falsas expectativas sobre o cronograma escatológico e Israel. Não há nada na resposta de Jesus que diga que a pergunta está errada. É simplesmente que eles não devem saber as horas. A questão é significativa porque nada no que Jesus lhes ensinou após sua ressurreição e antes da ascensão os fez mudar a esperança que tinham para a promessa à nação. Essa esperança está de acordo com as expectativas nos textos judaicos, tanto da Escritura Hebraica quanto na expressão judaica posterior (Jr 16:15; 23:8; 31:27-34; Ez 34-37; Is 2:2-4; 49:6; Amós 9:11-15; Sir 48:10; Pss. Sol. 17-18; 1 Enoque 24-25; Tob 13-14; Dezoito Bênçãos 14). É uma esperança já expressa em Lucas 1:69-74; 2:25, 38. Nada aqui fala contra o que tenho argumentado em relação a um futuro para Israel. É importante lembrar quando essas palavras são ditas que Israel está presente em sua terra. Às vezes, argumenta-se que o NT não diz nada sobre Israel na terra, mas isso ignora que quase todo o NT está escrito em um momento em que Israel está na terra.

Com o que já definimos e comentamos, nosso entendimento é que a igreja cumpre promessas relacionadas ao Reino de Deus, porém não cumpre todas as promessas. Há continuidade e descontinuidade no Reino de Deus, a igreja é agora o reino de Deus na terra, todavia, Deus ainda tem promessas para a Nação de Israel. Sendo assim, nossa leitura da igreja como reino de Deus visará demonstrar que a igreja possui características do Reino de Deus no AT, sem que isso implique que a igreja substitui Israel em todos os aspectos.

Outro ponto fundamental para uma boa compreensão do artigo, é vê-lo como uma leitura teológica de Atos. Fazer uma leitura teológica não significa negligenciar a

exegese do texto, nem mesmo os contextos do livro. Steve Walton (2022, p. 5) explica o que é a leitura teológica e o que fazem os leitores teológicos:

Os leitores teológicos não param com as perguntas e questões da crítica histórica. Na leitura teológica envolve-se com a mensagem entendida dos textos, lidos com sensibilidade à linguagem, sintaxe e gramática, gênero e assim por diante. Em busca de qual mensagem transmitida por cláusulas, frases, parágrafos, seções e livros individuais dentro de toda escritura. O foco estará em perguntar o que está sendo comunicado sobre Deus, ação de Deus e os propósitos de Deus para a humanidade e para o mundo.

A partir disso devemos deixar claro o que queremos dizer com: busca do significado da igreja como reino de sacerdotes. Para Foakes-Jackson (1919, p.193) é clara a visão de um reino em Atos, ele afirma:

A ideia de um reino messiânico permeia todo o livro de Atos. É o tema do discurso do Senhor Ressuscitado que fala aos seus discípulos “as coisas concernentes ao reino de Deus”, e os discípulos lhe perguntam se ele irá “restaurar o reino a Israel” em seu tempo. Os Apóstolos, quando citam as palavras do Salmo Segundo "os reis da terra se puseram em ordem", evidentemente estão considerando estes como os antagonistas naturais de Cristo. Quando Pedro prega a Cornélio, ele diz que Jesus de Nazaré foi ungido por Deus e andou fazendo o bem (uma palavra aplicada aos reis) e curando aqueles sob o domínio (καταδυνασ- τευοῦντοε) do diabo, como se Satanás fosse um príncipe rival. Paulo declara aos judeus em Antioquia da Pisídia que Deus levantou Davi como rei, e que Jesus "a quem Deus ressuscitou dos mortos" é o herdeiro da promessa feita ao filho de Davi, que, ao contrário de seu antepassado, "não viu corrupção".

Portanto, ainda que não apareça em Atos a expressão Reino de Sacerdotes, podemos analisar o livro e ao vermos o contexto canônico compararmos se há a possibilidade do Reino de Deus em Atos possuir as características de um reino sacerdotal. Nossa intenção não é demonstrar que Lucas pretendia afirmar que a igreja era um reino sacerdotal, mas queremos apresentar que a narrativa lucana, a partir de uma leitura teológica, apresenta a igreja com marcas de um Reino Sacerdotal.

Com isso em mente, ficamos com o desafio de sabermos o modo por qual interpretamos as suas narrativas, visto que narrativa não contém proposições de verdades normativas para os leitores, antes apenas narra o que ocorreu. Todavia, Lucas não narra a partir do nada, “é claro que Lucas tinha sido grandemente influenciado pela leitura das narrativas do Antigo Testamento e pela convivência com elas, de modo que esse tipo de história divinamente inspirada e com motivos religiosos é também evidente em sua narrativa” (Fee; Stuart 2011, p.134), ou seja, Lucas está escrevendo sua história com motivos teológicos, com base nisso Fee e Stuart (2011, p. 134) sugerem que a pergunta

para exegese de Atos é também sobre “qual era o propósito de Lucas ao selecionar e formular o assunto dessa maneira?”, nós iremos então analisarmos o tema do Reino em Lucas-Atos, para então apresentarmos as marcas do reino na igreja.

2. Os antecedentes quanto ao tema do Reino

Uma pergunta importante que devemos fazer é: o que é o reino de Deus? Seguimos Karl Allen Kuhn⁶⁹ quando ele propõe que o reino de Deus para os israelitas não era algo fixo, mas o reino de Deus era a longa história da atuação de Deus. Para Allen (2015, cap. 2⁷⁰) Esta “história do rei”, em essência, foi uma história que proclamou o seguinte:

1. Yahweh é o Rei de Israel e Governante do universo.
2. A atual ordem de criação e o estado do povo de Deus não estão alinhados com a vontade de Deus.
3. Deus agirá para reorganizar a criação em alinhamento com as intenções de Deus.

Entre as fundamentações de Allen⁷¹ ele mostra que:

Numerosos textos encontrados entre o DSS⁷² se juntam a outras tradições intertestamentais ao olhar para a frente para a vitória que Deus, o Rei, alcançará em nome do povo de Deus sobre os males que os oprimem. Essas tradições apresentam “esperança do rei como uma esperança para uma futura intervenção divina na história”. Os resultados da intervenção de Deus em nome dos fiéis seriam um reino da justiça (contra inimigos opressivos), paz (da injustiça e da guerra) e da prosperidade (em oposição à realidade generalizada da pobreza)⁷³.

Portanto, ao procurarmos quais são os antecedentes do tema do Reino de Deus, não estamos procurando uma definição. Uma explicação clara e lógica sobre as fontes de Lucas. Nosso objetivo é olharmos para o Antigo Testamento, para o judaísmo do período ou para Jesus e percebermos quais eram os usos do termo.

⁶⁹ Em *The Kingdom According to Luke and Acts*, 2015

⁷⁰ Livro com fonte digital não paginado

⁷¹ Ibid.

⁷² *The dead sea scrolls*

⁷³ Ilustrativo a isso é 1QM coluna 12.

No Antigo Testamento, não se encontra a expressão utilizada por Lucas, tanto no evangelho quanto em Atos, para se referir ao reino, Lucas utiliza a expressão “βασιλείας τοῦ θεοῦ”. Porém, em 1 Cr 28.5 e 2 Cr 13.8 (cf. 1 Cr 17.14, 29.11), temos a expressão Reino de Yahweh, para descrever a monarquia davídica. Quanto a isso Scott Hahn (2005, p.295) afirma que:

O cronista entendeu que o reinado da casa de Davi foi baseado em uma aliança divina na qual o filho de Davi também foi declarado filho de Deus (cf. 2 Sm 7.14). Portanto, o Reino de Davi foi a manifestação do governo de Deus sobre a terra, isto é, o reino de Deus para Israel e as nações.

“O tema central do ensino de Jesus é o anúncio da chegada do Reino de Deus” (Klein; Blomberg; Hubbard Jr., 2017, p. 656). Ainda que o termo “Reino de Deus” na literatura do judaísmo antigo é escasso, “só raramente se encontra o termo nos livros apócrifos e pseudepígrafos, bem como no targum e em Fílon”⁷⁴ (Jeremias, 2008, p. 72). Comparando o uso de Jesus de “reino de Deus” com o apocalipticismo podemos notar alguns pontos. Richard Horsley escreve:

“A proclamação e prática do reino de Deus por Jesus de fato pertenciam ao contexto do apocalipticismo judaico. Mas longe de ser a expectativa por uma catástrofe cósmica iminente, era a convicção de que Deus estava expulsando Satanás do controle sobre a vida pessoal e histórica, tornando possível a renovação do povo de Israel. A presença do reino de Deus significava a eliminação da antiga ordem” (Horsley, apud. Collins 2010, p.371).

Collins (2005, p.371) afirma de modo similar que Jesus tinha uma orientação escatológica, isso não significa necessariamente que deveria ser descrito como apocalíptico. Sanders argumenta que a meta de Jesus era a restauração de Israel, mas ele considera a escatologia de restauração como típica dos apocalipses”. Sendo assim, podemos notar que há semelhanças e diferenças entre Cristo e o apocalipticismo judaico. A diferença está que nos evangelhos e em Jesus não temos as viagens celestiais e predições históricas, mas há a semelhança de que tanto a apocalíptica quanto Cristo falam sobre uma escatologia. “Assim como o apocalipticismo dos manuscritos do mar morto reflete a ideologia sacerdotal da seita, as esperanças escatológicas dos evangelhos estão

⁷⁴ Especificamente nos apócrifos e pseudepígrafos o termo aparece em “Tob. 13.2, SIsal 5.18; 17.3, Enoque etíope 84.2, Sab. 6.4; 10.10, AssMois 10.1, OrSib 3.47” (nota de rodapé de J. Jeremias (2008, p.72 n° 185)

baseadas em formas e linguagem que refletem sua origem em um movimento popular na Galileia” (Collins 2005, p.370).

John Kloppenborg (apud. Collins, 2005 p.369) nos ajuda a compreender essa linguagem escatológica de Jesus e dos evangelhos, de modo que é importante para nosso estudo:

A perspectiva de Q é emoldurada tanto espacialmente, por realidades transcendentais – céu, inferno ou hades, Sophia, o Filho do Homem, anjos, demônios e o diabo - , quanto temporalmente, pelo julgamento vindouro, a destruição dos impenitentes na parusia e refeição escatológica no Reino. [...] No entanto, para Q, assim como para algumas outras expressões do apocalipticismo cristão, o presente já partilha de realidades escatológicas.

Sendo assim, para entendermos o Reino de Deus para Cristo, vemos que ele tem semelhança com o apocalipticismo judaico quanto a esperança escatológica futura. Porém, difere deste movimento tanto em termos literários, como também, para Jesus o reino futuro já está inaugurado no presente, diferentemente deles.

Manuel Alexandre Júnior (2021, p.286) apresenta que a expressão reino de Deus/reino do Céu nos lábios de Jesus é usada para:

(1) para expressar a preeminência, a autoridade ou soberania do reino; (2) para vindicar sua autoridade pessoal na representação do reino e na interpretação da vontade divina; (3) para implicar o caráter de sua autoconsciência divina como enviado do Pai e soberano Senhor; (4) para proclamar a exigência radical do reino.

Observando então, o evangelho de Lucas como primeiro volume de Atos, vemos que em Lucas dois subtemas do reino são importantes:

a. O reino é descrito em termos davídicos. Scott Hahn (2005) apresenta características da realeza davídica que aparecem Cristo:

b.

Quando lido sincronicamente o AT – os profetas e os salmos – dá uma imagem composta da monarquia davídica no Filho de Davi, ungido como filho de Deus pela aliança divina, governa eternamente de Jerusalém sobre todo Israel e nações. Reunindo-os para adorar no templo.

Podemos notar que essas características da monarquia davídica são manifestas em Cristo. Por isso também, “há uma coerência nos títulos atribuídos a Jesus – por exemplo, Rei, Cristo, Filho de Deus” (Hahn 2005, p. 305), o fato é que esses títulos são tipologias à figura do rei Davi.

c. O reino é descrito como já inaugurado. Lucas 17.21 o reino é descrito como entre os fariseus⁷⁵, ou seja, o Reino já está presente. “O reino na visão de Lucas, está presente não em sua forma final, mas em forma inaugural em que as promessas dos últimos dias começam ser cumpridas” (Zuck 2018, p. 105). “O reino de Deus é uma realidade escatológica, mas a eternidade irrompeu no tempo, o sobrenatural transpôs as fronteiras da história e tornou-se manifesto na pessoa e obra de Jesus. Ele é o Rei” (Junior 2021, p. 288)

Podemos então concluir alguns pontos principais sobre os antecedentes do tema do Reino de Deus, que nos ajudará a compreender o Reino em Atos, são eles:

- (1) O reino de Deus tem o reino de Davi como antecedente
- (2) Jesus é o Rei, então Ele é uma tipologia de Davi
- (3) O reino de Deus está inaugurado
- (4) Como vemos uma relação com o apocalpticismo judaico, entendemos que este Reino inaugurado é uma antecipação da esperança futura de restauração completa.

3. A igreja como Reino de Deus inaugurado

Como exposto acima, o reino em Lucas é descrito como um Reino davídico. “O reino renovado de Davi, do qual a igreja é a manifestação visível, existe no simultaneamente no céu e na terra” (Hahn 2005, p.321), ou seja, somos cidadãos do céu, mas já manifestamos o reino espiritual aqui na terra. Aqui está um mistério na vida da igreja “a igreja de fato é o Reino de Deus, mas como percebido, ela é apenas seu sinal e instrumento” (Hahn 2005, p.322). A igreja não é o reino consumado de Deus, mas é a sua realidade no presente. “A essência atual do Reino de Deus é já, mas ainda não.

⁷⁵ Há outros indicadores de Lucas apresentando o reino como inaugurado, porém devido ao foco de nosso trabalho, o que está escrito já nos é suficiente.

Inaugurado, mas não consumado. Espiritual, não político" (Klein; Blomberg; Hubbard Jr. 2017, p, 649).

Para entendermos a igreja como reino de Deus inaugurado, é necessário observarmos algumas alusões do Antigo testamento em Atos que atestam este cumprimento, seguiremos as alusões propostas por G.K. Beale⁷⁶ em sua Teologia do Novo Testamento. A primeira alusão que nós veremos é a alusão do chamado de Israel em Êx 19.5, 23.22 e Dt 14.2, observe o quadro:

<p>Ex 19.5 ἔσεσθέ <u>μοι λαός</u> περιούσιος ἀπὸ πάντων τῶν ἐθνῶν· ἐμὴ γάρ ἐστιν πᾶσα ἡ γῆ</p> <p>Ex 23.22 ἔσεσθέ <u>μοι λαός</u> περιούσιος ἀπὸ πάντων τῶν ἐθνῶν·</p> <p>Dt 14.2 ὅτι <u>λαός</u> ἅγιος εἶ κυρίῳ τῷ <u>θεῷ</u> σου, καὶ σὲ ἐξελέξατο <u>κύριος ὁ θεός</u> σου γενέσθαι σε αὐτῷ <u>λαόν</u> περιούσιον ἀπὸ πάντων τῶν ἐθνῶν τῶν ἐπὶ προσώπου τῆς γῆς</p>	<p>At 15.14 Συμεὼν ἐξηγήσατο καθὼς πρῶτον ὁ <u>θεός</u> ἐπεσκέψατο λαβεῖν ἐξ ἐθνῶν <u>λαόν</u> τῷ <u>ὀνόματι αὐτοῦ</u>.</p>
---	---

Vemos que Israel no AT é um povo eleito para ser o povo especial de Deus sobre as nações, “de fato todas as outras ocorrências no AT de “todas as nações chamadas pelos meu nome [de Deus], exceto Amós 9.12, a referência é exclusivamente a Israel” (Beale 2018, p. 579).

Além da chamada de Israel como modelo da chamada da igreja, nós vemos que Israel nos textos de Isaías 49.3,5,6 e Isaías 42.6b,7,16 Israel é o servo em quem Deus revela sua glória e leva salvação até a extremidade da terra. Israel nesses textos é uma luz de salvação aos gentios. Em Atos 13.47 e Atos 26.18 vemos referência a Paulo como luz colocada por Deus para levar salvação até os confins da terra.

⁷⁶ Ainda que G.K. Beale não vê a relação entre Israel e Igreja conforme a visão dispensacionalista progressiva, podemos concordar com ele em alguns pontos. Concordamos com ele quanto à aplicação de texto do AT à igreja e discordamos quanto à substituição de Israel pela igreja.

É importante a observação também quanto a Jesus falar 40 dias sobre o Reino em Atos 1.3, “quarenta é um número bíblico arredondado usado em textos em referência a um período que ocorre instrução para o trabalho que está por vir” (Garland 2019, p.11). Foram 40 dias de chuva no dilúvio para limpar a terra, Moisés permaneceu 40 dias na nuvem para receber as instruções, Jesus foi tentado 40 dias para iniciar seu ministério. Logo, esses quarenta dias, é um período para o novo que está por vir. Jesus nestes 40 dias, falava do reino de Deus. Em todo o livro, o reino de Deus é parte da pregação, "aliás, Atos não apenas começa com o reino de Deus, mas também termina com uma declaração sobre o reino de Deus. Em Atos 28.31” (Jr. 2018, p.13).

Beale (2018, p.592) desenvolvendo o entendimento de David W. Pao quanto a igreja ser o reino restaurado apresenta seis temas significativos em Atos:

- a. A reconstituição de Israel começa a ser cumprida em Lucas-Atos com a instituição dos doze apóstolos, que representam as doze tribos unificadas.
- b. A menção às diversas nacionalidades em Atos 2 e a menção de que “judeus [...] de todas as nações debaixo do céu” tem relação com a repetida profecia em Isaías da reunião dos dispersos exilados.
- c. A vinda do Espírito (At 2)
- d. O arrependimento inicial das multidões em Israel
- e. A reconstrução do reino davídico (At 15.15-18)
- f. A inclusão dos marginalizados no verdadeiro povo de Deus remetem às profecias isaiânicas da restauração.

Sendo assim podemos ver que na igreja temos o cumprimento das profecias de restauração do reino de Israel, logo é o reino de Deus inaugurado. Com isso podemos prosseguir para o foco de nosso trabalho que é analisar as características deste reino inaugurado.

4. Características do reino de Deus no Antigo testamento

Vimos anteriormente os antecedentes literários de Lucas quanto a expressão reino de Deus no antigo testamento e que a igreja é a inauguração do Reino de Deus, que será consumado no futuro. E apesar de que não há uma menção explícita do reino de Deus no AT, podemos traçar uma linha teológica no AT que remete ao reino de Deus. Iremos

analisar as características do Reino em Gênesis, no Êxodo e nas monarquias israelitas, para então fazermos nossa comparação com o Reino de Deus em Atos.

Deus em Gênesis 1 cria todo o universo, para então no sexto dia criar o homem a sua imagem. “Em geral, por todo antigo oriente próximo é o rei que as pessoas consideram representar a imagem de Deus” (Walton 2021, p.220). Sendo assim, podemos começar a entender que comparado ao antigo oriente próximo, Adão estava sendo criado como um Rei representante de Deus, conforme afirma John Walton (2021, p. 220) quanto ao contexto israelita “as pessoas são feitas a imagem de Deus, pois personificam as qualidades de Deus e realizam seu trabalho; a imagem define a identidade humana”. As pessoas são então símbolos da presença divina e agem como seu representante.

Adão como este representante de Deus, este rei no jardim, recebe uma ordem em Gênesis 1.28 quando Deus o abençoa, por sinal “abençoar não é só conferir uma dádiva, mas também uma função (cf. 1.22, 2.3; cf. também as bênçãos de despedida de Isaque, Jacó e Moisés)” (Kidner 1979, p.49). Deus está dando a função para Adão o representar como um Rei no jardim, no entanto que assim como Deus deu nome às coisas no capítulo 1, Adão dá nome aos animais. Conforme Hildebrandt (2008, p.74) “as funções da humanidade sobre a terra são frequentemente notadas em termos reais no Antigo Testamento, e a realeza no imaginário é democratizada para incluir toda a humanidade”. Assim, o salmista declara: "Que é o homem, para que com ele te importes? E o filho do homem, para que com ele te preocupes? Tu o fizeste um pouco menor do que os seres celestiais e o coroaste de glória e de honra. Tu o fizeste dominar sobre as obras das tuas mãos; sob os seus pés tudo puseste" (S1 8.4-6).

A ordem para Adão é para que ele frutifique, multiplique, encha a terra, sujeite-a e a domine. O governo de Adão era para ser exercido e também expandido, vemos uma ordem de crescimento para este Rei. Quando Deus ordena que Adão domine, e no capítulo 2.15 a ordem para guardar o jardim, Adão era um sacerdote que deveria manter puro o jardim, conforme Beale (2018, p. 60) “o Éden era o templo em que Adão foi colocado como imagem viva de Deus, e como sacerdote, deveria guardar o santuário contra a presença de criaturas impuras”.

Com isso, vemos que Adão no Éden possuía duas funções básicas: ele era Rei e Sacerdote no jardim. Logo, ele deveria trazer crescimento, multiplicação e expansão para o reino, ao mesmo tempo que deveria mantê-lo santo. As marcas do reinado de Adão no Éden eram crescimento e santidade.

Adão falha na sua missão, e há uma transmissão da comissão de Adão para seus descendentes. Noé, Abraão, Isaque, Jacó, os israelitas no Egito recebem essa promessa/função de crescimento e multiplicação⁷⁷. Essa comissão então é transmitida até que chega ao Adão coletivo, que é comissionado no Êxodo: Israel.

Israel é tirado do Egito e levado para terra prometida, junto disto Beale (2018, p.75) argumenta a favor de Israel como Adão coletivo ao mostrar que “vários textos do AT referem-se à terra prometida com Éden ou Jardim, porque Israel foi planejado para ser um Adão coletivo, que recebeu a ordem de cumprir a missão de Adão”. Um texto que fica claro este chamado de Israel é Êxodo 19.6: “e vocês serão para mim um reino de sacerdotes e uma nação santa”. É importante observar, que o reino de sacerdotes não é apenas por Israel ter uma casta de sacerdotes entre sua nação. R. Alan Cole (1980, p. 141) afirma que é:

fato que até aqui (*Ex 19.6*) ainda não existia qualquer casta sacerdotal atribuída a Israel. Presumivelmente, o conceito básico (*de reino de sacerdotes*) é o de um grupo especialmente separado para possessão e serviço a Deus, com livre acesso à sua presença. A ideia de Israel agir como representante divino no mundo não pode ser excluída. Quer cumprida ou não na época, esta deveria ser a missão de Israel (cf. promessa feita a Abraão em Gn 12.3. A escolha divina especial de Israel tinha um propósito universal bem mais amplo.

Desta forma vemos Israel como um Adão coletivo, que deveria ser um Reino no sentido que deveria se expandir, em favor disso vemos que a comissão de Adão para multiplicação é repassada ao Israel coletivo em Lv 26.9; Dt 7.13; 15.4,6; 28.11,12; 30.16. Mas, ao mesmo tempo, era um reino de sacerdotes que deveria se manter santo, em favor disso vemos todas as leis que Israel possuía, e de forma mais clara Lv 20.7: “Portanto santificai-vos, e sede santos, pois eu sou o Senhor vosso Deus”. Logo assim como Adão, os israelitas deveriam crescer, expandir, multiplicar e serem santos, para refletirem seu papel de reino de sacerdotes.

Quando olhamos para a monarquia de Israel, podemos observar Salomão, que “estava seguindo a tradição de Davi, que atuou essencialmente como sacerdote apesar de jamais ter sido identificado assim” (Beale 2018, p.81). As passagens que apresenta Salomão que era rei, tendo uma associação com o sacerdócio são:

⁷⁷ Conforme Gênesis 9.1,7; 12.1,2; 26.24; 35.11,12; 47.27 e Ex 1.20 (há ainda outras passagens em Gênesis onde Deus abençoa com a benção da multiplicação, mas essas são suficientes para uma análise).

- a. 1 Rs 8.1-6 ele ordena que a arca seja levada para o templo
- b. 1 Rs 8.14,55 abençoa todo Israel no átrio do templo
- c. 1 Rs 8.22-54 ora diante do altar
- d. 1 Rs 8.62-64 suas muitas ofertas sacrificiais acentuam seu papel como sacerdote.
- e. 1 Rs 8.60 sua oração tinha como propósito que todos os povos conhecessem a Deus, ou seja, ele estava atuando como um mediador (sacerdote) entre as nações e o Senhor.

Podemos concluir conforme G.K. Beale (2018, p.91) “as principais linhas da narrativa dos livros do AT referem-se ao chamado de Israel (e seu rei) para cumprir a comissão adâmica de reinar sobre uma terra renovada”, como vimos que o chamado de Adão, a geração do Êxodo e a monarquia, o chamado é ser um reino de sacerdotes, em outras palavras o chamado é para crescimento e santidade.

5. As características do Reino Sacerdotal em Atos

Em suma nosso artigo até aqui observou os seguintes pontos:

- a. Lucas apresenta em seu evangelho o reino davídico como inaugurado
- b. Cristo é quem inaugura este reino, sendo o Rei davídico
- c. A igreja é o reino de Deus inaugurado
- d. As características básicas do Reino no AT são: crescimento e santificação, pois é um reino de sacerdotes.

Com isso chegamos ao ponto que é o foco de nosso estudo: ler teologicamente Atos para buscar as características do Reino de Deus na igreja de Atos dos apóstolos. Iremos analisar essas duas características separadamente e depois observarmos como Atos 8 apresenta as duas características quando o evangelho chega na Samaria.

5.1 O Crescimento do Reino através do Espírito

Allen (2015, cap. 2) mostra que:

A reflexão israelita sobre o Espírito de Deus que levou à virada da era levou a várias concepções do papel e função do Espírito. John R. Levison fornece um guia útil através de alguns desses materiais, examinando as concepções do Espírito nos escritos sobreviventes de Philo, Josefo e Pseudo-Philo. Ele encontra o Espírito descrito como uma fonte de poder incrível e transformador, manifestado nos dons da proeza militar (Pseudo-Philo); inspiração profética (Pseudo-Philo).

Atos dos Apóstolos, parece seguir a ideia do Espírito como capacitador. O reino de Deus em Atos está crescendo através da proclamação, capacitada pelo Espírito Santo, para Lucas “o ponto é que a promessa do Espírito no prólogo de Atos é representada como a fonte do poder profético para o testemunho” (Cho 2003, p. 189). Em termos gerais “para Lucas, o Espírito Santo não diz respeito à salvação nem à santificação, como é comumente afirmado, mas exclusivamente a uma terceira dimensão da vida cristã – o serviço” (Stronstad, 2019 p. 30). Conforme Yongmo (2003, p.197) “onde o reino está sendo proclamado, lá o Espírito está trabalhando”. Lucas apresenta o Espírito como capacitador para a pregação do Reino, tanto em Atos como no seu Evangelho, ao mostrar Cristo e a Igreja recebendo o Espírito antes do início de suas obras. Conforme McGinnis (2022, cap. 2⁷⁸):

Uma associação-chave é especialmente importante para Lucas, ou seja, a da associação do Espírito com o poder. Lucas expressa o papel do Espírito na fundação, construção, nutrição e proteção da igreja com mais força do que qualquer outro autor do NT. Ele envolve o Espírito completamente nos detalhes da igreja; até mesmo contratempos são o trabalho do Espírito (8:1, 4; 16:6–7; 20:22).¹⁵¹ Ele mostra o Espírito capacitando os crentes para um testemunho ousado sobre Jesus e liderando-os como o “Diretor de Missões”. A essência da pneumologia de Lucana é a proclamação profética.

O Espírito então é quem capacita a igreja a pregar o reino de Deus, conforme At 1.8, o significado de ser testemunha de Jesus é o mesmo de ser testemunha do Reino, veja:

⁷⁸ Livro com fonte digital não paginado

dar testemunho” em favor de Jesus Cristo à luz das Escrituras, corresponde em Atos com μάρτυρες, que tem Jesus como seu objeto em 1:8. Assim, o comando de Atos 1:8 (ἔσεσθέ μου μάρτυρες) corresponde ao cumprimento em Atos 28:23 (διαμαρτυρόμενος τὴν βασιλείαν τοῦ θεοῦ (Cho 2003 p. 188).

O chamado do reino é para que ele cresça, logo Deus capacita este reino com seu Espírito. Quando olhamos para a atividade do Espírito no Antigo Testamento vemos que “a atividade carismática é experiencial e também funcional, pois concede habilidades adequadas para o chamado à liderança e serviço” (Stronstad 2018, p. 46). Hildebrandt (2008, p.78-79) fala que Gn 1.28,5.2,9.1 são impossíveis de cumprir se não for pela bênção de Deus. Deus capacita a humanidade para cumprir suas obrigações divinas impostas por meio da bênção conferida. Observe também que o Espírito enche quem iria trabalhar no tabernáculo com "espírito de Sabedoria” (Ex 29.3), Moisés e Josué da mesma forma (Dt 34.9). O Espírito é quem concede habilidade aos juízes, no período pré monarquia. O Espírito veio sobre Saul e Davi, reis de Israel⁷⁹. Deus sempre dá seu Espírito para capacitar seu povo na manutenção ou crescimento de seu Reino, e não foi diferente em Atos, Deus envia o Espírito Santo como capacitador da missão de crescimento do Reino. “O Espírito é um estímulo missionário primário em Atos, pois é o Espírito que motiva e capacita os crentes a se envolverem no evangelismo, e que leva a Palavra para a frente em seu impulso imparável” (McGinnis 2022, cap. 2).

Fica-nos evidente também que há uma diferença no entendimento paulino e lucano na atuação do Espírito no Reino. Cho (2003, p. 197) nos explica está diferença:

Lucas não considera o Espírito como a fonte da manifestação do reino de Deus ou como a vida do reino em sua totalidade como em Paulo. Para Lucas, o papel principal do Espírito em relação ao reino de Deus é apresentado em termos qualificados principalmente como: o poder para a proclamação do reino.

Desta forma vemos Paulo falando do Espírito na Salvação e Lucas falando do Espírito na missão. Ainda que Paulo fala em termos mais direto em suas cartas, ele utiliza o termo “cheios do Espírito”, uma única vez e Lucas utiliza 9 vezes o termo. Devemos ver suas teologias como complementares, e não interpretarmos Lucas a luz de Paulo.

⁷⁹ Hildebrandt (2008, p.146) A liderança dos reis mostra que o ingrediente necessário para o reinado é a unção e a recepção do rúah... Yahweh elege seu representante, unge-o, vem sobre ele com o Espírito e o capacita para governar em seu reino.

Como diz Roger Stronstad (2018, p. 28) citando Marshall “Lucas tinha direito a ter pontos de vista próprios, e o fato de diferirem em certos aspectos do ponto de vista de Paulo não deve ser contado contra ele. Pelo contrário, ele é teólogo por direito próprio e deve ser tratado como tal”. Esta distinção entre as teologias lucana e paulina não é um problema, mas antes é nosso dever, como afirma Dunn (2021, ed. Kindle)⁸⁰ “deve ser uma grande responsabilidade da teologia bíblica do Novo Testamento tornar clara a diversidade do Novo Testamento; é uma responsabilidade que não se tem como evitar”.

Além do crescimento através do poder Espírito como uma marca do Reino de Deus, a forma como é descrito o crescimento também nos remete ao Reino de Deus. Observe a tabela:

<p>Gn 1.28 καὶ ἠὐλόγησεν αὐτοὺς ὁ θεὸς λέγων Αὐξάνεσθε καὶ πληθύνεσθε καὶ πληρώσατε τὴν γῆν καὶ κατακυριεύσατε αὐτῆς καὶ ἄρχετε τῶν ἰχθύων τῆς θαλάσσης καὶ τῶν πετεινῶν τοῦ οὐρανοῦ καὶ πάντων τῶν κτηνῶν καὶ πάσης τῆς γῆς καὶ πάντων τῶν ἔρπετῶν τῶν ἐρπόντων ἐπὶ τῆς γῆς</p>	<p>At 6.7 Κ(αὶ ὁ λόγος τοῦ θεοῦ ἠϋξάνεν καὶ ἐπληθύνετο ὁ ἀριθμὸς τῶν μαθητῶν ἐν Ἱερουσαλὴμ σφόδρα, πολὺς τε ὄχλος τῶν ἱερέων ὑπήκουον τῇ πίστει. At 12.24 Ὁ δὲ λόγος τοῦ θεοῦ ἠϋξάνεν καὶ ἐπληθύνετο At 19.20 Οὕτως κατὰ κράτος τοῦ κυρίου ὁ λόγος ἠϋξάνεν καὶ ἴσχυεν</p>
---	---

“Os dois verbos “crescer e multiplicar” de At 6.7, 12.24, 19.20 são idênticos aos de Gênesis 1.28 LXX” (Beale e Carson 2014, p.1044). Com a mesma linguagem de Gênesis, Lucas parece estar indicando que a ordem dada por Deus a Adão e Eva está se cumprindo na vida da igreja, e como vimos, Adão no jardim estava como rei-sacerdote, assim como a igreja é o reino de Deus. Beale e Carson (2014, p. 1042) mostram que “frutificar e multiplicar em Gênesis 1.28 se refere ao aumento da prole de Adão e Eva, que também deveria refletir a gloriosa imagem de Deus e ser parte de um movimento de vanguarda espalhado sobre a terra”.

Outro ponto comum, é que Adão e Eva no jardim ao cumprirem seu chamado, estariam seguindo a Palavra de Deus. Em Colossenses vemos algo semelhante, em Cl 1.6,

⁸⁰ Fonte digital não paginado

o evangelho (a palavra) estava crescendo e se multiplicando em toda a parte por meio dos crentes.

O crescimento da igreja, é uma das características dela ser o reino de Deus inaugurado. A igreja cresce e multiplica cumprindo a missão de espalhar-se pelo mundo, ao pregar a palavra e crescer a igreja está cumprindo o chamado à expansão que foi dado a Adão, a Noé, aos patriarcas, a geração do êxodo e a monarquia de Israel. A igreja cumpre essa função de ser um reino que cresce não por si mesma, mas através do poder do Espírito.

5.2 Sacerdotes por conta do Espírito

A segunda característica do Reino de Deus, como vimos acima, é ser um Reino de sacerdotes, há três fatos no livro de Atos que aponta a igreja como sendo um reino de Sacerdotes, ou seja, um Reino Santo. Quando pensamos em Sacerdotes, devemos lembrar também do templo⁸¹, logo a igreja como Reino-sacerdotal tem uma relação também com o templo, por isso para demonstrar a igreja como Reino-sacerdotal iremos observar que a igreja tem uma relação com o templo, tem acesso ao templo e por fim deve se santificar.

A) O enchimento do Espírito em Atos 2.1-4

O enchimento do Espírito vem com a imagem de línguas de fogo. “A imagem do fogo aponta para a associação da glória celestial na presença do Espírito, bem como uma teofania. O céu e a presença divina vêm poderosamente à terra para habitar o povo de Deus” (Bock 2007, ed. Kindle⁸²). Podemos ver que no Antigo testamento Deus se manifesta em fogo na sarça ardente e no Sinai.

Podemos comparar a descida do Espírito com 1 Reis 8.6-13 e 2 Crônicas 7.1-3 e observarmos que há alguns pontos semelhantes com At 2.2,3. Ou seja, assim como Deus se manifestou no templo no AT está se manifestando na igreja, que é seu reino de sacerdotes.

⁸¹ Em Qumran, o imaginário do templo foi aplicado para a comunidade, que foi vista como um templo no qual Deus habitava (4 QM 1.1-13). Este texto era uma exposição da promessa de Natã concernente à "casa de Davi", que a comunidade de Qumran cria ter-se cumprido neles (cf. Am 9.11s). Como templo de Deus, eles eram um grupo exclusivo de pessoas escolhidas, chamadas à santidade.

⁸² Fonte digital não paginado

Além desses textos onde vimos que assim como o Espírito desce sobre a igreja, como desceu no templo. Podemos lembrar que o Espírito pairava sobre a face das águas em Gn 1.2, Meredith Kline (1999, p.37) compara o Sinai a Gênesis da seguinte maneira:

A história do êxodo, que culmina na construção do tabernáculo, é tão bem contada a ponto de realçar sua natureza como uma reconstituição redentora da criação. Neste evento de recriação, a Teofania da Glória é novamente vista como um santuário e é encontrada para funcionar novamente como um paradigma criativo. Ela paira no topo do Sinai sobre o deserto-tôhû e reproduz sua semelhança no mundo abaixo. No sopé do Sinai, aparece o tabernáculo, feito de acordo com o padrão de arco-típico visto no monte, projetado para ser uma réplica do Templo do Espírito da Glória.

Deste modo, o enchimento do Espírito lembra tanto o templo, como o Sinai como também o templo de Gn 1.2. Veja também que foi uma pomba que Noé soltou para ver se a terra estava seca, e iniciar uma nova criação, o significado desta passagem é o contexto da recriação que é trazido por Deus após o dilúvio. “Um novo começo é inaugurado para a humanidade nesta conjuntura, e alguns comentaristas vêm a pomba como um símbolo da presença do Espírito de Deus na criação inicial⁸³” Hildebrandt (2008, p.57). Por fim Cristo que conforme João 1.14 tabernaculou entre os homens também teve seu enchimento do Espírito. Logo, a igreja ser cheia do Espírito (Atos 2.4) deve nos remeter a ideia de sermos um templo do Espírito.

B) A acessibilidade ao templo celestial

Claramente, a igreja estar cheia do Espírito nos lembra o templo, todavia o que deve chamar a nossa atenção para vermos a igreja como reino-sacerdotal, é o fato de a igreja tem agora acesso a um templo superior ao templo do AT. Vemos isso no capítulo 7 de Atos:

O discurso de Estêvão, então, chama a atenção para o santuário celestial como o verdadeiro lugar de habitação de Deus e de Jesus, o Filho do Homem agora exaltado ao serviço sacerdotal. Essa perspectiva transcendente condena a visão limitada de seus ouvintes, que se apegam ao Templo de Jerusalém de forma idólatra e desobediente. (Moore, 2012, p. 45).

⁸³ Hildebrandt (2008, p.58) Antigo Testamento não parece atribuir qualquer significado especial à natureza simbólica entre a pomba e o Espírito de Deus. Nem desenvolve as diferenças entre a pomba e a águia. A ênfase está sobre as similaridades entre as ações do pássaro e do riah em "pairar" e "proteger". Quando as características da pomba são exaltadas e comparadas com a obra do Espírito, elas não surgem dos textos do Antigo Testamento, mas de conjecturas.

Além de Estevão que teve uma visão do santuário celeste, Cornélio tem uma visão especial em Atos 10. Cornélio tem uma visão de um anjo, “a linguagem do anjo está cheia de terminologia sacrificial, como encontramos nas prescrições para as ofertas levíticas” (Bruce 1988, p.204). As orações deste homem não judeu, chega ao Senhor como que chegando ao templo, Nicholas Moore (2021, p.47) demonstra o que isso significa:

o templo celestial é acessível aos judeus e gentios igualmente, de uma maneira que o templo de Jerusalém nunca foi; a distinção dos povos já não existe, precisamente porque o acesso ao santuário celestial por Jesus e o Espírito capacita todas as pessoas em todos os lugares a adorar o Deus de Israel.

Como sacerdotes capacitados pelo Espírito temos acesso a este templo celestial, algo que o antigo Israel vivia em sua sombra e limitação, pois apenas os sumos sacerdotes podiam entrar no santo do santo. Mas agora, conforme as narrativas de Atos, podemos recordar da carta aos Hebreus 10.19: “Portanto, irmãos, por causa do sangue de Jesus, podemos entrar com toda confiança no lugar santíssimo”⁸⁴.

C) A santificação do Reino

No livro de Atos aparece 6 vezes a referência a pregação de arrependimento ou um chamado ao arrependimento – At 2.38; 3.19; 8.22; 17.30; 20.21 e 26.20 – isso é o sinal de o reino que chegou é um reino diferente, é um reino sacerdotal, assim como os sacerdotes santificavam o povo por meio de suas ofertas, a igreja como um reino sacerdotal que deve se manter santa. O chamado ao arrependimento como parte da mensagem, é um sinal de que o reino de Deus é de fato santo.

Quando olhamos para Atos capítulo 5 vemos que “a história de Ananias e Safira apresenta um paralelo estrutural com a história de Acã, que se apropriou do que não lhe pertencia e sofreu consequências terríveis” (Beale; Carson 2014, p. 683). Marshall (1982, p. 109) afirma que “o verbo *reteve* é idêntico àquele que se empregou a ação de Acã em reter parte dos despojos de Jericó, que deveriam ou ser entregues à casa do Senhor ou destruídos (Js 7.1)”. Vemos que o Espírito atuante na vida da igreja de Atos, está mantendo-a Santa, assim como O SENHOR ordenou Israel a ser Santo.

⁸⁴ Nova versão Transformada

Concluindo este tópico, poderíamos comentar mais algumas semelhanças que a igreja tem com o Reino de Israel, por exemplo que o Espírito guia a igreja ao direcionar a missão de Paulo, o Espírito governa a igreja, conforme vemos no concílio de Jerusalém (“Pareceu bem ao Espírito”), essas narrativas mostram que assim como Deus deveria governar o antigo Israel, Deus está governando o novo Israel. Porém com o que vimos até aqui podemos notar que no livro de Atos a igreja possui as duas marcas principais do reino de Deus no Antigo testamento, ela cresce e é santa. Veremos agora um exemplo em Atos, onde podemos notar as duas características.

6. Atos 8.4-24 como exemplo de um Reino sacerdotal

Vemos duas partes nesses versículos (a) Atos 8.4-13 (b) Atos 8.14-24, seguiremos essa divisão para vermos como o texto fala de um reino sacerdotal:

(a) O Reino de Deus cresce Atos 8.4-13

No capítulo 8 vemos a igreja sendo perseguida a partir da morte de Estevão (no capítulo 7). Aqueles que foram perseguidos em Jerusalém “iam por toda a parte pregando a Palavra”. Começa aqui então, mesmo que por conta de uma perseguição, o cumprimento da promessa feita por Cristo em Atos 1.8.

Filipe, é um desses que vai anunciar a palavra, no versículo 5 diz que ele anunciava a Cristo, no versículo 12 a mensagem “é chamada de mensagem sobre o reino, mostrando a relação entre as duas ideias” (Bock 2007, ed. Kindle). Podemos ver claramente que a primeira marca do Reino aparece nesta narrativa, ou seja, o reino de Deus está se espalhando. Nos versículos 6-8, vemos sinais aparecendo, Darrell Bock (2007, ed. Kindle) afirma que esses sinais são o “reino de Deus está se movendo e superando as forças que se opõem a ele”.

(b) O reino de Deus é sacerdotal Atos 8.14-24

Como vimos acima, um reino sacerdotal é um reino que se santifica e deve se manter santo. É exatamente isso que vemos nessa segunda parte da passagem. Vemos um daqueles que haviam sido batizados, cometer um pecado grave. Então o apóstolo traz uma palavra dura a este homem. Note a forma com que Pedro faz a advertência:

Atos 8.20 Πέτρος δὲ εἶπεν πρὸς αὐτόν· τὸ ἀργύριόν σου σὺν σοὶ εἶη εἰς ἀπόλειαν ὅτι τὴν δωρεὰν τοῦ θεοῦ ἐνόμισας διὰ χρημάτων κτᾶσθαι·

21οὐκ ἔστιν σοι μερίς οὐδὲ κληῖρος ἐν τῷ λόγῳ τούτῳ, ἡ γὰρ καρδία σου οὐκ ἔστιν εὐθεῖα ἔναντι τοῦ θεοῦ.

22μετανόησον οὖν ἀπὸ τῆς κακίας σου ταύτης καὶ δεήθητι τοῦ κυρίου, εἰ ἄρα ἀφεθήσεται σοι ἡ ἐπίνοια τῆς καρδίας σου, 23εἰς γὰρ χολὴν πικρίας καὶ σύνδεσμον ἀδικίας ὄρω σε ὄντα.

Pedro faz três advertências, colocando três causas para cada frase. Veja o destaque para as conjunções causais, “esse uso expressa a base ou contexto de uma ação” (Wallace 2009, p. 674), ou seja, as advertências de Pedro é causada por conta da situação que Simão está, podemos relacionar da seguinte maneira:

Afirmção	Base da afirmção
Que o seu dinheiro seja destruído junto com você,	you thought that with him he could acquire the kingdom of God!
Não existe porção nem parte para você neste ministério	your heart is not straight before God.
arrependa-se desse mal e ore ao Senhor. Talvez ele o perdoe por esse intento do seu coração.	see that you are full of envy and imprisoned in your wickedness.

Marshall (1982, p.154) afirma que a exortação de Pedro é “equivalente à excomunhão da igreja ou, talvez com mais exatidão, trata-se de uma advertência solene dirigida a Simão quanto aquilo que lhe aconteceria se não mudasse sua atitude”.

Pedro está simplesmente mantendo o Reino em Santidade. Pedro no capítulo 3.6 diz não ter “ouro e nem prata”, mas possuía a Jesus Cristo, o Nazareno, ao rejeitar o dinheiro de Simão o apóstolo está demonstrando que a santificação do reino é o que importa.

Conclusão

Fundamentados em toda exposição anterior, podemos concluir que Atos conta a história de um Reino Santo, ou seja, um reino que atua como sacerdote mantendo-se Santo e ao mesmo tempo se expande como uma nação. N.T. Wright afirma que a história narrada por Lucas demonstra o que é de fato o ponto culminante de Israel:

Assim como 1 Macabeus conta a história da revolta contra Antíoco Epifânio de modo a legitimar os asmoneus como verdadeiro réusacerdotes de Israel, Lucas conta a história de Jesus de forma a legitimá-lo como verdadeiro rei davídico. O evangelho de Lucas pretende ser a cena final da história do Deus criador e de seu povo pactual e, portanto, a penúltima cena (daí a necessidade de Atos) em um drama ainda maior: o drama do criador envolvendo o mundo (Wright, 2022, p. 506).

Lucas terminou seu evangelho com a ascensão do Rei, e então o leitor pensaria, como fica agora o Reino de Deus. Conforme Schreiner (2018, cap. 5):

O reino não desaparece em Atos. Atos é a história da disseminação do reino. Mas como o reino pode se espalhar quando Cristo se foi? Como o Senhor exaltado e ressuscitado, ele autoriza seus discípulos através do Espírito Santo a espalhar a mensagem do reino. No reino, o Senhor ressuscitado dá seu poder ao seu povo, e eles espalham a mensagem do Rei para todos os lugares. É por isso que o livro de Atos termina com Paulo preso em Roma proclamando as boas novas do reino. Atos não é sobre Paulo; é sobre a disseminação do reino.

Para Alter e Kermode (1997, p.504) “Lucas foi, em certo sentido, o primeiro político cristão, no sentido que parece ter sido o primeiro a, conscientemente, constatar o fato de que o mundo está aqui para ficar; o cristianismo deve abrir seu caminho no mundo”. Lucas ao narrar sobre este reino de sacerdotes que está crescendo e santificando pelo mundo, demonstra “antecipando Santo Agostinho, preocupava-se em transformar a sociedade em *Civitas Dei*”(Alter e Kermode 1997, p.504).

G. K. Beale (2018, p.515) desenvolvendo a ideia da igreja como templo do Espírito afirma que “o objetivo retórico de Lucas em relação aos leitores é que percebam que fazem parte do templo dos últimos dias e que o trabalho evangelístico deles é

imprescindível para a continuidade da construção e expansão desse templo”. Ao apresentarmos uma leitura teológica de Atos, vendo o reino de Deus em Atos, como reino sacerdotal, podemos concluir parafraseando a conclusão de Beale sobre a relação templo/igreja à relação Reino-sacerdotal/igreja, podemos dizer que “o objetivo retórico de Lucas é que seus leitores percebam que fazem parte do Reino de Deus, sendo assim, a santidade e o crescimento do Reino é imprescindível para dar continuidade na obra de estabelecimento do reino de Deus iniciada por Cristo”.

Referências

- Beale, G. K. *Teologia Bíblica do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2018.
- Blasing, Craig; D. L. Bock. *Progressive Dispensationalism*. [E-book Edition 2012]. Grand Rapids: Baker Publishing Group, 2000.
<https://www.perlego.com/book/2039498/progressive-dispensationalism-pdf>
- Blomberg, Craig L. *Introdução de Atos a Apocalipse*. São Paulo: Vida Nova, 2019.
- Bock, Darrell L. *Acts*. Kindle. Grand Rapids: Baker, 2007.
- Bruce, F. F. *The Book of the Acts (Revised edition)*. Grand Rapids: Eerdmans, 1988.
- Cho, Yongmo. “Spirit and Kingdom in Luke-Acts.” *Asian Journal of Pentecostal Studies*, 2003: 173-197.
- Cole, R. Alan. *Êxodo introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1980.
- Collins, John J. *A imaginação apocalíptica*. São Paulo: Paulus, 2010.
- D.A. Carson; Douglas J. Moo; Leon Morris. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1997.
- Dunn, James D.G. *Teologia do Novo Testamento : uma introdução*. Kindle. Petrópolis: Vozes, 2021.
- Foakes-Jackson, F. J. “The Kingdom of God in Acts, and the ‘City of God.’” *The Harvard Theological Review* 12, no. 2 (1919).

G. K. Beale; D. A. Carson. *Comentário do uso do Antigo testamento no Novo testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2014.

Garland, David E. *Atos: série comentário expositivo*. São Paulo : Vida Nova, 2019.

Gordon D. Fee; Douglas Stuart. *Entendes o que lêes?* São Paulo: Vida Nova, 2011.

Hahn, Scott W. “Kingdom and Church in Luke-Acts.” Em *Reading Luke: Interpretation, Reflection, Scripture and Hermeneutics Serie XI*, por Craig Bartholomew, Joel B. Green e Anthony C. Thiselton, 294-326. Grand Rapids: Zedervan, 2005.

Hildebrandt, Wilf. *Teologia do Espírito de Deus no Antigo Testamento*. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

Jeremias, J. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2008.

Jr., R. Albert Mohler. *Atos 1-12 para você*. São Paulo: Vida Nova, 2018.

Júnior, Manuel Alexandre. *O novo testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2021.

Kidner, Derek. *Gênesis: Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1979.

Kline, Meredith G. *Images of the Spirit*. Eugene: Wipf and Stock Publishers, 1999.

Kuhn, Karl Allen. *The Kingdom according to Luke and Acts: A Social, Literary, and Theological Introduction*. Grand Rapids: Baker Academic, 2015.

Marshall, I. Howard. *Atos: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1982.

—. *Teologia do Novo Testamento: diversos testemunhos, um só evangelho*. São Paulo: Vida Nova, 2007.

McGinnis, Daniel. *Missional Acts: Rhetorical Narrative in the Acts of the Apostles*. Eugene: Wipf and Stock Publishers, 2022.

Moore, Nicholas J. “‘He saw heaven opened’: Heavenly Temple and Universal Mission in Luke-Acts.” *New Testament Studies*, 2021: 38-51.

Parker, Brent; Richard Lucas. *Covenantal and Dispensational Theologies*. 2022. Downers Grove: InterVarsity Press, 2022.

<https://www.perlego.com/book/2986413/covenantal-and-dispensational-theologies-pdf>

Robert Alter; Frank Kermode. *Guia literário da bíblia*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

Schreiner, Patrick. *The Kingdom of God and the Glory of the Cross*. Wheaton: Crossway 2018.

Stronstad, Roger. *A teologia carismática de Lucas*. Rio de Janeiro: CPAD, 2019.

Wallace, Daniel B. *Gramática Grega: Uma Sintaxe Exegética do Novo Testamento*. São Paulo - SP: Editora Batista Regular do Brasil, 2009.

Walton, John H. *O pensamento no Antigo Oriente Próximo e o Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2021.

Walton, Steve. *Reading Acts Theologically*. 1st ed. 2022. New York: Bloomsbury Publishing, 2022. <https://www.perlego.com/book/3534229/reading-acts-theologically-pdf>

William W. Klein; Craig L. Blomberg; Robert Hubbard Jr. *Introdução a Hermeneutica bíblica*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

Wright, Nicholas Thomas. *O novo testamento e o povo de Deus: origens cristãs e a questão de Deus*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022.

Zuck, Roy B. *Teologia do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.